

S. Pedro de Adães

ADÃES vem de *Alhanes* nome gótico (1)

A mais antiga referência a esta freguesia encontra-se em um documento do mosteiro de Alpendurada, o qual trata da venda de uma propriedade sita na *Vila de Adalanes*, feito no ano de 1024, e nele se diz: «et abet iacentia ipsa hereditate in vila adalanes subtus mons bastucio teridorio bracalensis discurente ribolo katabo in loco predicto in ila quintana... (2).

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 não aparece esta freguesia mas no Censo da População de 1527 vem no «Jullguado de Penafiiell».

Adães, orago S. Pedro, foi um curato da apresentação do Reitor do convento de Vilar de Frades desde 1441.

Nesse ano o convento de Vilar houve esta freguesia e mais duas, a de Moure e a de Encourados, por troca que fez com o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, pela Igreja de Cal velo.

Esta tinha vindo à posse do convento pela renúncia do seu último abade, Gonçalo Dias de Barros.

(1) P.^o António Gomes Pereira — Tradições Populares pág. 319.

(2) Alexandre Herculano — Port. Mon. Hist. Diplom. et chart. págs. 157, n.^o 254.

Gonçalo Dias de Barros, oriundo da nobre geração, nasceu em Braga, onde passou uma mocidade dissoluta. Depois de ordenado e colocado em Calvêlo não melhorou nos costumes.

Arrependido por fim, renunciando o benefício, recolheu-se a Vilar de Frades e aí morreu santamente, segundo diz o cronista.

Por aquela troca ficou pois a freguesia de Adães a ser um curato, mais tarde vigararia, da apresentação do Reitor daquele Convento até 1834.

A sua Igreja Matriz era primitivamente no lugar do Assento, dentro do actual Passal, junto à Residência Paroquial.

Era pequena, baixa e de arquitectura simples.

Desde 1713 em diante começamos a ter conhecimento das obras de que ela vai necessitando, ignorando o que era antes por não conseguir os livros das visitas anteriores.

Em várias visitas a partir daquele ano são constantemente reclamadas obras, principalmente nos telhados e forros da Igreja e capela-mor.

O pavimento, sendo de pedra, ficava pelos enterramentos desnivelado e por isso mandava-se em várias visitas repô-lo no seu estado antigo.

Em 1746 ordena-se a colocação de taburnos em cima desse lageamento, visto a Igreja ser húmida.

Como estivesse em sítio baixo e a água do enxurro entrasse pela porta principal, nota-se então a necessidade de tirar alguma terra no Adro, junto àquela porta.

Em 1722 manda-se fazer de novo o arco da capela-mor, ficando porém uma *obra péssima*, como diz o respectivo livro.

Em 1726 determina-se a mudança da porta travessa para a parede sul da Igreja e o púlpito para o lado do evangelho, visto o lugar *indecente em que está*.

Por cima da porta principal em uma sineira estava um único sino e em frente um alpendre ou cabido que já precisava de reparações em 1713.

O padroeiro desta freguesia e os seus moradores passaram a ser remissos em fazerem as obras que respectivamente lhes competiam e por isso o edifício entrou pelo decorrer do tempo num período de decadência e ruína.

Assim em 1818 o visitador diz que a Igreja é «bastantemente indecente pela sua pequenez, falta de luz e já parece ameaçar ruína».

É certo que posteriormente algumas reformas se fizeram, pois em 1831 são louvadas essas obras.

Por ser sítio húmido, estar em decadência a velha Igreja e pequena para as necessidades do culto foi esta mudada antes de 1839 para o sítio onde está.

É esta um templo de arquitectura moderna, amplo, airoso e bem iluminado por rasgadas janelas.

Do lado esquerdo da fronteira ergue-se uma bem lançada torre para os seus sinos.

Em 1839 são arrematadas as obras da capela-mor podendo ser aproveitada nelas a pedra que ainda existia da Igreja velha.

Por detrás dessa capela-mor existe uma pequena e bem aconchegada sacristia na qual se vêem uns sólidos gavetões de castanho em que está pintada a data 1846.

Aqui me foi mostrado pelo muito digno reitor desta freguesia, Sr. P.^e Domingos Gomes Lobarinhas, um curiosíssimo pano de seda, em forma de véu de cálix, com texto em latim impresso no próprio tecido e pelo qual se depreende que pertencia à Confraria de Nossa Senhora dos Remédios. Tem a data 1761.

Em 1860 fizeram-se obras na sacristia da Igreja e em 1858 foi construída a da confraria de Nossa Senhora dos Remédios.

O Cruzeiro Paroquial, mudado há anos para o sítio onde está, detrás da Igreja, parece ser antigo, pelo menos a base e a coluna.

A Residência Paroquial, que ficava ao sul da antiga Igreja Matriz e junto a esta, foi construída em 1713.

Nela se fizeram várias obras em 1748, 1851, 1860 e 1881, a deste ano a mais importante.

Na frente virada ao caminho tem a inscrição: ANNO. DE. 1881.

Havia antigamente nesta freguesia a capela de Santo António, na Agra do mesmo nome, a qual na visita de 1745 estava em tal estado de ruína que nela se não podia dizer missa.

Há os seguintes Nichos: Alminhas de Adães, ao lado da estrada e as do Cruzeiro, perto da Residência Paroquial.

O Cemitério Paroquial, construído junto ao Adro, do lado esquerdo da Igreja, tem sobre o seu portão a data 1888 e nele se vêem alguns jazigos.

A Confraria de Nossa Senhora dos Remédios foi unida em 1909 à do Sacramento.

Esta freguesia, com terrenos férteis e abundantes em águas, está situada em planície e confronta do norte com a de Areias de Vilar, nascente com a de Encourados, do sul com as de Airó e Várzea e do poente com a de Santa Eugenia de Rio Côvo.

É banhada na sua extremidade sul pelo ribeiro da Gandra, afluente do Rio Covo, e tem as seguintes fontes públicas : a do Barreiro, a de Adães, a do Agrelo, a do Lobão, a do Estreito e a da Lage.

A sua população no século XVI era de 40 moradores; no século XVII era de 120 vizinhos; no século XVIII era de 67 fogos; no século XIX era de 377 habitantes e pelo último censo da população é de 465 habitantes, sendo

223 varões e 242 fêmeas, sabendo ler 111 homens e 41 mulheres.

Não tem actualmente Escola Oficial.

Houve aqui no lugar do Sobreiro uma Escola particular que se tornou notável pelos homens que a frequentaram, mas essa também já acabou.

A sua indústria é nula e o comércio está reduzido a uma pequena loja de mercearia.

Os seus lugares habitados são: Cepães, Paço, Barreiros, Sobreiro, Lages, Assento, Outeiro, Vitorinho e Airó.

As suas casas mais importantes são: a do Paço, a de Cepães, a do Rato, a da Boca, as do Ribeiro, a do Senra e a de Adães.

É atravessada na parte mais central pela estrada de Esposende a Braga que facilita muito as suas comunicações.

Dos homens que, pelo seu nascimento ou por qualquer outro facto, têm os seus nomes ligados a esta freguesia destacaremos os seguintes:

O Abade Fernão Anes que instituiu no século XVI o Morgado de Adães.

Este vínculo tinha a particularidade de a sucessão correr na linha feminina com exclusão da masculina.

A primeira administradora foi sua irmã Francisca Fernandes, casada com António Caminha Vilas Boas, da casa Solar de Airó.

Fernão Martins Pereira, «O velho», senhor da Casa de Adães.

No inventário, por sua morte, em 1607, encontram-se descritos cavalos, objectos de prata e ouro e outros preciosos que mostram bem o tratamento que tinha a sua família nessa época.

O Capitão José Pereira da Fonseca, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, senhor da Casa de Adães,

casado com sua prima D. Josefa do Sacramento e Silva, senhora da Casa da Torre de Moldes em Remelhe.

O Conselheiro António Emílio Correia de Sá Brandão, Juiz do Supremo T. de Justiça, que, em verdade seja dito, não sei se algumas vezes se perdeu por estas terras mas foi do senhor do Morgado de Adães, cuja quinta vendeu em 1883.

Francisco Barcelos Vilas Boas, natural desta freguesia, adquirindo largos haveres no Brasil, subsidiou por muito tempo a antiga Escola de primeiras letras.

Os arcebispos e os visitantes censuraram por vezes nesta freguesia, bem como em outras, segundo se vê dos respectivos livros das visitas, os serões, as espadeladas e fiadas de noite, com ajuntamento de homens e mulheres, as conversas no Adro, antes e depois da missa, com alaridos, estabelecendo multas para o caso de contravenção.

A junta desta freguesia não fica atrás em zelar os bons costumes e moralidade dos seus administrandos.

Assim em sessão de 23 de julho de 1843 delibera que, em vista da relaxação dos costumes, dos muitos roubos em pomares, hortas e até em poleiros de galinhas, atribuídos a pessoas de fora da freguesia, todo o indivíduo que venha para aqui habitar, a não ser por casamento, pague 14:000 reis, sendo o Regedor encarregado de cumprir esta deliberação.

Em sessão de 31 de março de 1871 proíbe que continue a viver aqui uma mulher de Vilar do Monte por não restituir as coisas alheias e ofender com palavras a moralidade pública.

E agora que tanto se fala na questão da assistência pública não é descabida a referência a uma acertada deliberação desta junta em 2 de fevereiro de 1850.

Achando-se uma pobre mulher desta freguesia doente e hemiplégica é ordenado que todos os proprietários a sustentem cada um o seu dia enquanto ela viver.

Já então, ainda que isoladamente, se pensara na assistência aos pobres. Em meados do século XIX funcionou aqui uma Fábrica de moeda falsa.

Os seus maquinismos estiveram arrecadados durante algum tempo no convento de Vilar de Frades, como máquinas de fazer botões, não sabendo o proprietário daquele convento o verdadeiro fim a que eram destinados.

O gerente principal desta empresa era credor de certa quantia de um padre de Adães e que tinha aqui uma casa em sítio desabitado, própria para nela ser exercida a projectada indústria.

Valendo-se da superioridade de credor obrigou o padre a ceder-lhe casa para o fim que ele queria.

Ora a fabricação de moeda fora da casa da dita em Lisboa tem sempre uma duração efémera e os seus proventos, a não ser ultimamente no caso Angola e Metrópole, são geralmente muito reduzidos.

Foi o que aconteceu com a Fábrica de Adães; descoberta a sua existência foram os gerentes presos e juntamente com eles o pobre do padre, quando estava a dizer missa na Igreja da Várzea.

Este pelo seu génio alegre e folgasão tinha simpatias; os seus amigos acorreram à cadeia de Braga a visitá-lo logo que o souberam preso.

O bom humor nunca o abandonou, ainda mesmo no infortúnio; os amigos depois da visita despediam-se, prometendo voltar breve, ao que ele retorquia invariavelmente: «venham, venham quando quizerem, que eu estou sempre em casa».

Constava que os sócios na empresa eram muitos, além dos que estavam presos, e que entre eles havia

até condes e viscondes, cujas cinzas eu não quero revolver.

O advogado de defesa no julgamento, aludindo a este facto, dizia que esta não era uma fábrica de fazer moeda falsa, mas sim uma fábrica de fazer condes e viscondes!

A máquina dizem-me que foi recolhida à Casa da Moeda em Lisboa e que não é das piores que lá têm entrado.